



A HERMENÊUTICA UNIVERSAL DE SCHLEIERMACHER: FUNDAMENTOS DA ARTE DE INTERPRETAR TEXTOS

SCHLEIERMACHER'S UNIVERSAL HERMENEUTICS: FOUNDATIONS OF THE ART OF INTERPRETING TEXTS

Joel Gonçalves dos Santos¹

Lais Cristina Pereira da Silva²

Resumo: Este texto tem por objetivo apresentar a hermenêutica universal de Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher, entendida como uma possibilidade para a interpretação de todos os tipos de textos. Realizamos um estudo à luz de algumas obras que versam sobre o tema, orientados pela interrogação: *O que é a hermenêutica universal de Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher?* Entendemos, no âmbito da investigação, que a teoria da interpretação de Schleiermacher foi desenvolvida em duas formas principais: uma gramatical e outra psicológica. Tais formas estão vinculadas ao conceito de círculo hermenêutico, segundo o qual o significado de um texto só se torna inteligível pelas circularidades entre as partes e o todo. Nossa hipótese é que essas circularidades não se limitam a um ciclo fechado, mas se configuram como uma espiral, na qual cada retorno amplia a compreensão e gera novos sentidos. Essa perspectiva revela a compreensão como processo dialógico. No campo educacional, isso indica que o ato de ensinar e aprender não se reduz à simples transmissão de conteúdos, mas implica na constituição e construção de sentidos entre sujeitos.

Palavras-chave: Schleiermacher; Hermenêutica; Círculo Hermenêutico; Filosofia.

Abstract: This text aims to present Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher's universal hermeneutics, understood as a possibility for interpreting all types of texts. We conducted a study in light of several works that address the topic, guided by the question: *What is Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher's universal hermeneutics?* Within the scope of this research, we understand that Schleiermacher's theory of interpretation was developed in two main forms: one grammatical and the other psychological. These forms are linked to the concept of the hermeneutic circle, according to which the meaning of a text only becomes intelligible through the circularities between the parts and the whole. Our hypothesis is that these circularities are not limited to a closed cycle, but rather constitute a spiral, in which each return broadens understanding and generates new meanings. This perspective reveals understanding as a dialogical process. In the educational field, this indicates that the act of teaching and learning is not reduced to the simple transmission of content, but implies the constitution and construction of meanings between subjects.

Keywords: Schleiermacher; Hermeneutics; Hermeneutic Circle; Philosophy.

¹ Mestre em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) – UNESP/IGCE, Rio Claro, São Paulo, Brasil. E-mail: joel.goncalves@unesp.br

² Mestra em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) – UNESP/IGCE, Rio Claro, São Paulo, Brasil. E-mail: lais.pereira@unesp.br



1 Introdução

A hermenêutica é o estudo da interpretação de textos, símbolos e experiências vividas, tendo como objetivo interpretar/compreender a mensagem que eles veiculam. De acordo com Heidegger (2012), em seu livro *Ontologia: hermenêutica da facticidade*, a palavra hermenêutica — ἐρμηνευτική — deriva de outras três: interpretar, interpretação e intérprete — ἐρμηνεύειν, ἐμηνεία, ἐρμηνεύς. Além disso, compreendendo as referências³ apresentadas por esse autor, podemos entender que essa palavra traz também os sentidos de “discurso”, “anúncio”, “significado”, “tradução”, “interpretação”, “intérprete” e “mensagem”.

Palmer (1999), ao dedicar estudo a esses termos assume o posicionamento de que todos fazem alusão ao deus mensageiro Hermes, responsável por transmitir e anunciar uma mensagem de modo inteligível para a compreensão humana, visto que podem estar articulados com a ação de dizer. Esse *deus*, segundo uma antiga tradição grega, é responsável pela descoberta da linguagem e da escrita, o que indica que o trabalho primordial da hermenêutica, desde cedo, ligava-se tanto ao texto quanto ao discurso.

Enquanto teoria, a hermenêutica foi, durante muito tempo, reconhecida como uma ferramenta em prol de outras disciplinas, caracterizando-se mais como um procedimento prático do que como um procedimento teórico-científico. Assim, ela avançou em termos de aplicabilidade, sendo empregada em diversos campos teóricos como o da teologia, do direito, da literatura e da filosofia. Pode-se afirmar que, até perto do século XIX, a hermenêutica era entendida como um arcabouço de regras, ou normas, próprias para a interpretação correta de um texto, restringindo seus métodos a tipos específicos de composições literárias (aos textos bíblicos por exemplo). Faltava-lhe, entretanto, uma formulação que considerasse qualquer tipo textual, uma forma universal da interpretação. Para Negru (2010), há dois modos de se conceber isso: I) pelo estabelecimento de um método universal de interpretação de textos; II) pela perspectiva da filosofia de Heidegger, na qual a compreensão é um fenômeno constitutivo dos seres humanos.

Neste artigo, nosso foco recai na primeira concepção, tendo como objetivo expor compreensões sobre a hermenêutica enquanto um método para a interpretação de todos os textos. Como indicado, tomamos para estudo a hermenêutica desenvolvida por Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834), reconhecendo que ele foi o primeiro

³ Platão, Teeteto, Aristóteles, Filóstrato, Péricles, Bizantinos, Fílon, Aristeu, Agostinho, Schleiermacher, A. Boeckh e Dilthey.



a promover uma teoria para a interpretação de todo tipo textual. Na envergadura da sua forma teórica, verificam-se dois tipos de interpretação, a grammatical e a técnico-psicológica⁴. A primeira se volta ao trabalho com as expressões linguística, já a segunda ao pensar do autor de um texto, considerando que seus proferimentos são partes integrantes de sua vida.

Entendemos que este estudo é relevante e significativo por pelo menos três razões. Primeiro, por explicitar a *fundamentação de uma teoria universal da interpretação*. Antes de Schleiermacher, a hermenêutica era restrita a campos específicos, como a exegese bíblica ou a filologia clássica. Schleiermacher propôs uma hermenêutica universal, aplicável a qualquer texto. No cenário contemporâneo, em que textos, discursos, símbolos, mídias e narrativas múltiplas proliferam, retomar tal sentido de hermenêutica nos auxilia a interpretar discursos diversos, sejam científicos, literários, religiosos ou culturais. Isso ainda fundamenta correntes contemporâneas como a hermenêutica filosófica de Gadamer, por exemplo.

Segundo, por apresentar a *relevância metodológica da fundamentação hermenêutica para as ciências humanas e para a educação*. Schleiermacher inaugurou a ideia de que a interpretação não é apenas técnica grammatical, mas também envolve compreender o autor (modo técnico-psicológico), o contexto, a subjetividade e o sentido intencional — articulado pelo *círculo hermenêutico* discutido neste artigo. Na educação, isso ecoa na formação de professores, na análise de discursos pedagógicos, no ensino de leitura crítica e no debate epistemológico que distingue ciências humanas (compreensivas) das ciências naturais (explicativas), como Wilhelm Dilthey (1833-1911) desenvolveu depois.

E terceiro, por apresentar a *hermenêutica como problema filosófico existencial*. Schleiermacher é elo fundamental entre a hermenêutica como técnica e a hermenêutica como filosofia da compreensão humana, ponto retomado por Heidegger (1889-1976) e Gadamer (1900-2002). Hoje, em tempos de crise de sentido, de pós-verdade e de pluralidade cultural, discutir compreensão, mal-entendidos e estranheza (*fremdheit*) é crucial. Schleiermacher já antecipa que compreender é sempre uma reconstrução inacabada do sentido do outro, uma abertura dialógica — tema central para debates sobre alteridade, diálogo intercultural, reconhecimento e ética comunicativa.

⁴ Com referência à expressão ‘interpretação técnica’, Schleiermacher aproxima-se do que os gregos chamavam de *téchne* e que os latinos traduziram com a expressão *art* (Mancilla, 2022, p. 188).



Sendo assim, para dar conta do proposto, organizamos a escrita deste artigo da seguinte forma: após esta introdução, dedicamo-nos aos aspectos teórico-metodológicos de nossa investigação, inserida no contexto de um estudo qualitativo; em seguida, apresentamos uma breve exposição da biografia de Schleiermacher, destacando suas produções intelectuais; depois, voltamo-nos à compreensão da chamada hermenêutica universal desenvolvida por esse autor; e, por fim, elaboramos uma síntese comprensiva do que foi tratado ao longo do texto, seguida das referências.

2 A orientação teórico-metodológica do estudo

Neste estudo, adotamos o modo qualitativo de pesquisa, por considerarmos que ele lida com a compreensão de significados, experiências e práticas vividas sem recorrer a mensurações ou quantificações como ocorre nas pesquisas de natureza quantitativa. Conforme Alves (1991), Godoy (1995), Neves (1996) e Chizzotti (2003), a investigação qualitativa se volta à compreensão de fenômenos, muitas vezes priorizando as experiências humanas, os significados e sentidos que lhe são atribuídos. Assim, o pesquisador, ao adotá-la, busca explicitar os significados que emergem das situações vividas, interpretando-os perante a complexidade do real e da realidade.

Por se tratar de uma modalidade de pesquisa que comporta inúmeras abordagens e diferentes procedimentos, a sua acepção geralmente pode ser trabalhosa para quem quer compreendê-la. Alves (1991, p. 54) destaca que a “dificuldade começa com a enorme variedade de denominações que compõe essa vertente: naturalista, pós-positivista, antropológica, etnográfica, estudo de caso, humanista, fenomenológica, hermenêutica, ideográfica, ecológica, construtivista, dentre outras”. Assim, antes de iniciar um estudo considerado qualitativo, torna-se necessário o entendimento da abordagem, dos pressupostos e dos procedimentos que fundamentarão a investigação.

Neste artigo, assumimos a abordagem fenomenológica. Assim, cabe pontuar que Fenomenologia advém da teoria desenvolvida por Edmund Husserl (1859-1938) e postulada como uma forma de se compreender o modo pelo qual o conhecimento mundial é organizado. Nos termos de Bicudo (2020, p. 31), “não se trata de explicitar a constituição do mundo, mas tão somente do conhecimento que nós, seres humanos, produzimos ao habitá-lo”. Conforme a autora, essa formulação teórica implica uma postura que almeja o *real*, a *realidade*, o *conhecimento da verdade*, bem como o *valor* dado a eles.



O que é característico dessa postura se refere à inseparabilidade da dupla *sujeito/fenômeno*. Em nosso modo de pensar, *sujeito* (pesquisador), atento ao que procura conhecer, parte sempre de uma inquietação explicitada mediante uma pergunta ou interrogação. Nesse sentido, concordamos com Bicudo (2009, p. 8), que afirma: “pesquisar quer dizer ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando suas múltiplas dimensões e andando outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez mais”. Ou seja, as interrogações de uma pesquisa estão presentes do início ao fim, comportando-se como um pano de fundo, o que possibilita um tratamento em diferentes perspectivas.

No presente estudo, elegemos a seguinte pergunta norteadora: *O que é a hermenêutica universal de Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher?* Nosso objetivo, com esse questionamento, conforme mencionado na introdução, é expor compreensões sobre a hermenêutica universal elaborada por Schleiermacher, considerando seu propósito de formular uma teoria interpretativa apropriada à interpretação de qualquer texto.

A outra parte da dupla, o *fenômeno*, refere-se àquilo que se mostra no ato de perceber ou intuir, sendo, por isso, inseparável do sujeito. Conforme Bicudo (2020), a percepção é possibilitada pelos órgãos dos sentidos — olfato, tato, paladar, visão, audição e cinestesia —, que, no corpo-próprio, ao se integrarem, a tornam possível no fluxo da consciência. Por exemplo, “uma pessoa que não distingue cores, não pode intuir a vermelhidão do vermelho; ou uma pessoa que não sente sensações táteis, não pode sentir a frialdade do gelo. Por seu lado, o fenômeno se doa em seus modos de doação. Naquilo que ele é⁵: na sua dureza, frialdade, luminosidade” (Bicudo, 2020, p. 35).

Em síntese, toda essa caracterização implica na acepção de que a pesquisa fenomenológica se fundamenta na percepção do seu autor. Seu posicionamento é de alguém que se situa passionadamente, por meio de sua integralidade sensitivo-motora, e que procura efetivamente compreender os processos e modos pelos quais a qualidade do fenômeno percebido se mostra. Além disso, entendemos que realizar uma pesquisa nessa perspectiva requer considerar que suas articulações não podem ser generalizadas ou transferidas para outros contextos. Também, doutro modo, não há quadros teóricos ou categorias *a priori*, deve-se estar atento ao que se mostra e como se mostra, já que estão vinculadas a uma condição singular entre sujeito e fenômeno.

⁵ “Aquilo que ele é” é um dos modos pelos quais Husserl entende “essência” (Bicudo, 2020, p. 35).



3 Aspectos biográficos de Schleiermacher

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher nasceu em 1768, na cidade de Breslau, antiga Silésia (Polônia atualmente), e morreu em 1834, em Berlim, Alemanha. Pertencente a uma família de protestantes, foi educado em uma comunidade de morávios, onde iniciou estudos direcionados à teologia. De acordo com Schleiermacher (1999), em 1787, ele ingressou na Universidade de Halle, na qual se dedicou aos estudos de teologia, filologia e filosofia. Ordenado em 1794, foi auxiliar em Landsberg onde passou a realizar sermões.

Suas principais obras desse período foram *Über die Religion – Sobre a Religião* (1799) e *Monologen – Monólogos* (1800), ambas dedicadas ao trabalho religioso. Em 1801, emerge sua série de sermões, a *Predigten – Sermões* e, em 1803, seu *Grundlinien einer Kritik des bisherigen Sittenlehre – Esboço de uma Crítica das Doutrinas Éticas*, além de diversos textos dirigidos à religião e à teologia. Mais tarde, Schleiermacher inicia seu professorado em Halle, sendo aceito como professor extraordinário da mesma instituição em 1805. Neste momento, em conjunto com F. Schlegel⁶ (1772-1829), começa a realizar traduções sobre os diálogos de Platão. Em 1806, lança sua obra *Die Weihnachtsfeier – A Festa de Natal* e a *Der christliche Glaube nach den Grundsätzen der Evangelischen Kirche – A fé cristã segundo os princípios da Igreja evangélica*.

Na apresentação da obra *Hermenêutica: Arte e técnica da interpretação* (1999) de Schleiermacher, Celso Reni Braida, argumenta que o filósofo contribuiu ativamente para o renascimento da filosofia clássica grega em geral, publicando diversos escritos históricos-filológicos, como a *Introdução dos diálogos de Platão; Eráclito, o obscuro de Ephesos* (1808); *Diógenes de Apolônio* (1814); *Sobre Anaximandro* (1815); *Sobre as obras éticas de Aristóteles* (1817); *Sobre os comentários gregos à Ética a Nicômaco* e *Sobre o valor de Sócrates* (1819). Contudo, mesmo publicando esse volume expressivo de escritos, chama-nos atenção o fato de que suas obras que versam sobre hermenêutica não foram publicadas durante a sua vida⁷. Os responsáveis por essas publicações foram

⁶ Karl Wilhelm Friedrich von Schlegel foi poeta, crítico literário, filósofo, filólogo, indologista e tradutor alemão. Destacou-se como um dos pioneiros nos estudos das línguas indo-europeias e no desenvolvimento da linguística comparada.

⁷ A esse respeito, Grondin (1999, p. 116) escreve que: “Quase nenhum dos grandes clássicos da hermenêutica, de Schlegel além de Schleiermacher, de Boeckh e Droysen até Dilthey, ousou permitir pessoalmente que seus trabalhos hermenêuticos fossem publicados. Deve-se aos seus discípulos, que as suas pesquisas fossem transmitidas à posteridade. É claro que estes clássicos nada podiam saber a respeito do fato de terem feito um trabalho prévio à hermenêutica do século 20”.



amigos e admiradores de seu trabalho, os quais se encarregaram de divulgar, postumamente, seus manuscritos, o que ocorreu entre 1835 e 1864:

- 1835: *Entwurf einer System der Sittenlehre* – Projeto de um sistema da doutrina Ética por A. Schweizer
1838: *Hermeneutik und Kritik* - Hermenêutica e crítica por F. Lucke
1839: *Dialektik* – Dialética por L. Jonas e *Geschichte der Philosophie* - História da Filosofia por H. Ritter
1841: *Grundriss der philosophischen Ethik* - Compêndio de ética filosófica por A. Twesten
1842: *Asthetik* – Estética, por C. Lommatzsch
1845: *Die Lehre vom Staat* – A doutrina do Estado por C. A. Brandis
1849: *Erziehungslehre* - Doutrina da Educação por C. Platz
1864: *Psychologie* - Psicologia por L. George.
Em 1864 completou-se a publicação das *Samtliche* – Obras completas em 33 volumes, assim organizados: I – *Zur Theologie*, vol. 1-13; II – *Predigten*, vol. 14-23; III – *Zur Philosophie und vermischt Schriften*, vol. 24-33 (Schleiermacher, 1999).

Grondin (1999, p. 124), ao refletir sobre o receio de Schleiermacher em publicar trabalhos referentes a hermenêutica, assim se reporta:

Não é fácil de estabelecer, em que consistiria este receio por publicação. Certamente não porque ele pudesse ter considerado a hermenêutica como ocupação secundária ao lado da sua atividade teológica. O constante trabalho na matéria e os esboços sobre hermenêutica provam o contrário. Certamente pode-se responsabilizar a “morte inesperadamente prematura” (ele tinha, então, 66 anos de idade) para a falta de um aperfeiçoamento. Mais provável é, talvez, a suposição de que Schleiermacher – neste ponto um legítimo romântico (e hermeneuta!) – nunca estivesse plenamente satisfeito com os seus esboços e, respectivamente, com sua manifestação. Isso confirma, numa concepção global que em sua essência se mantém inalterada, a constante oscilação de sua terminologia e de seus pontos-chave, que causou muita aflição à pesquisa sobre Schleiermacher e sobre hermenêutica. Aqui só pode estar em primeiro plano a concepção geral, em si bastante conclusiva, e seu reinício hermenêutico.

Compreendemos que os estudos de hermenêutica de Schleiermacher estão inseridos numa tradição que toma a hermenêutica teológica (exegética) e a filológica clássica, no final do século XVIII. Em sua teoria, está a ideia de reconstituir o sentido original de uma obra, o qual se fundamenta em um conceito geral de compreensão (Schleiermacher, 1999). De acordo com Grondin (1999), a parte central do seu trabalho pode ser encontrada na edição feita por seu discípulo Friedrich Lücke, intitulada *Hermeneutik und Kritik mit besonderer Beziehung auf das Neue Testament* – Hermenêutica e crítica com especial referência ao Novo Testamento. Tal edição foi divulgada em 1838 compondo parte das lições dadas por Schleiermacher. Embora Lücke não tenha assistido às aulas de seu mestre, reuniu todo o material necessário para compor a edição.



Diante do exposto, na próxima seção, apresentamos a hermenêutica desenvolvida por Schleiermacher.

4 Hermenêutica Universal

Com Schleiermacher, a hermenêutica passa a ser concebida de forma universal, como uma maneira de interpretar os diversos tipos de textos, não importando a região de inquérito em que se encontram tais escritos. Segundo Mazotti (2010, p. 21), os modos pelos quais o pai da hermenêutica moderna desenvolveu sua teoria da interpretação — o que implica numa ciência da arte de interpretar — reside “na ideia de que no diálogo entre os homens, a estranheza (*fremdheit*) é uma constante, na medida em que a carga de vida e as experiências particulares constroem os seres humanos diversos uns dos outros”.

Ainda conforme Mazotti (2010), quando o diálogo acontece, as essências que compõem seus interlocutores entram em jogo, por essa razão se torna significativo o entendimento sobre o *eu* e o *tu* (outro). Nesse sentido, o *mal-entendido* ou a *incompreensão* pode ocorrer com facilidade, dado que as pessoas se diferenciam umas das outras. Assim, o par (*eu-tu*) é fundamental para se compreender a doutrina hermenêutica concebida por Schleiermacher. Para ele, importa o discurso tomado em termos da subjetividade e do psicologismo.

Desse modo, o filósofo alemão constrói o conceito de hermenêutica universal (*allgemeine Hermeneutik*), uma ciência que busca metodologicamente a consciência do *tu*, tendo em vista a resolução de estranhezas e mal-entendidos. Pela primeira encontramos a ideia de um conjunto de regras (método) que leva ao entendimento. A hermenêutica não é mais vista em razão de seu resultado interpretativo (o sentido aferido), mas como uma metodologia que conduz a este (Mazotti, 2010, p. 22).

Entendemos que a questão de fundo aqui perpassa o domínio ético — caro ao pensar de Schleiermacher —, conforme explicita Mancilla (2022). Sua preocupação em torno da ética surge em suas lições editadas para uma palestra que realizou na Universidade de Halle e remonta ao texto *Princípios de uma crítica as éticas anteriores* (1803), na qual expôs que “as doutrinas éticas mais valorizadas são aquelas cujos conteúdos subjetivos e individuais são considerados elementos positivos de ‘um contexto participativo comum’” (Mancilla, 2022, p 193). Ainda, de acordo este autor, em muitas das lições Schleiermacher, pode-se encontrar menções a respeito das traduções, em que a ação de traduzir implica em uma atitude ética, tendo em vista que Schleiermacher menciona o *respeito pelo alheio*.



No âmbito da hermenêutica, podemos identificar alguns princípios éticos imbricados na prática da compreensão, entre os quais se destaca a pressuposição de uma comunidade dialógica, na qual os interlocutores reconhecem a singularidade de cada sujeito e assumem a abertura para considerar o ponto de vista do outro. Compreensão, nesse sentido, significa reconhecer a existência de uma comunidade de sujeitos que dialogam, respeitando a individualidade de cada um. Assim, a arte de compreender um texto exige mais do que uma leitura atenta, abrange uma abertura ética para o encontro com a alteridade.

É uma ética comunitária, em que a comunicação só tem o papel de ideia regulatória. Nela deve ser realizada uma compreensão abrangente, na qual as expressões e discursos dos sujeitos sejam integralmente capturados e reconhecidos na intersubjetividade. A importância da hermenêutica é – do ponto de vista filosófico – mostrar que o indivíduo é moralmente realizado como pessoa em uma comunidade onde busca, com os outros, compreender o que é entregue como significado. Nesse sentido, é “ético” querer entender os pensamentos dos outros (Mancilla, 2022, p. 193).

Outro ponto significativo que o hermeneuta romântico considera em suas obras diz respeito à dialética. Mancilla (2022, p. 194) explicita que Schleiermacher entende que o fio condutor da dialética não parte da unidade da razão e da natureza, mas no conflito de ideias situadas historicamente. A dialética proposta pelo hermeneuta “nega a assunção de uma consciência infinita, na qual o significado alcance um sujeito transparente na totalidade, pois os sujeitos devem confirmar, de forma histórica, suas pretensões de verdade”. Além disso, a dialética proporciona a execução e condução do conhecimento, por meio do desenvolvimento linguístico e de seu enlace histórico.

Assim:

A dialética deve ser entendida aqui como a busca de um pensamento dinâmico que está em constante movimento, em devir, isto é, em busca infinita. A dialética não está apenas presente na lógica e na metafísica, mas também na vida cotidiana, e seu vínculo com a hermenêutica se baseia na capacidade de chegar a um acordo, por meio de uma conversa, de um diálogo ou de uma comparação com outros pontos de vista. A necessidade de encontrar um acordo resulta da finitude humana, da limitação e contingência do pensamento humano (Mancilla, 2022, p. 194).

Tendo em vista essas questões de fundo que perpassam as obras de Schleiermacher, vejamos sua proposta hermenêutica em termos procedimentais. Uma de suas contribuições mais relevantes consiste em salientar a importância de considerar os contextos históricos e linguísticos que moldam a interpretação de um texto. Para o hermeneuta, compreender é realizar uma reconstrução do processo mental do autor, por



meio de uma repetição reprodutiva que permite ao intérprete reviver o percurso criativo original.

Na hermenêutica scheleirmachiana, emergem dois modos de proceder a interpretação: o grammatical e o técnico-psicológico. O primeiro é apresentado por Ricoeur (1990) no âmbito da linguagem, em que se considera as leis gerais e objetivas que regem a estrutura de uma língua. É chamada de objetiva porque discorre sobre caracteres linguísticos próprios e evidencia os limites da compreensão. Palmer (1999, p. 95-96), ao estudar essa questão em Schleiermacher, acentua que a interpretação grammatical “mostranos a obra na sua relação com a língua, tanto na estrutura das frases como nas partes interatuantes de uma obra e também com outras obras do mesmo tipo literário”.

Posto isso, ao proceder a interpretação de um texto, Schmidt (2014) explicita ser necessário que o intérprete conheça a língua do escritor, o que, de fato, possibilitará que ele desenvolva a interpretação grammatical. Para esse autor, há dois princípios que regem o desenvolvimento dessa modalidade interpretativa. O primeiro pressupõe o uso comum⁸ da linguagem, implicando que o leitor de um texto deve reconhecer a forma em que o autor se expressa. Para determinarmos

o que o autor quer dizer através de um enunciado precisamos lê-lo a partir da posição desse uso compartilhado da linguagem. Interpretar um enunciado a partir da compreensão contemporânea da linguagem, quando esse enunciado vem de um uso anterior da linguagem, leva a mal-entendidos. Quando Demócrito fala de átomos, seria um mal-entendido se pensássemos em elétrons, prótons e nêutrons. Schleiermacher afirma que o lugar do autor na história, sua educação, ocupação e mesmo de seu dialeto podem ter um papel na determinação de sua linguagem. Como o autor também pretende comunicar, a língua que ele emprega precisa ser também a língua da plateia intencionada, isso não quer dizer que um autor não pode criar algo novo na linguagem. Devido aos significados compartilhados, uma metáfora nova, por exemplo, pode ser compreendida pelo leitor a partir de seu contexto (Schmidt, 2014, p. 33).

O segundo princípio se refere aos múltiplos significados que uma palavra pode receber no interior das frases, uma vez que está relacionada com as outras em um dado contexto:

Como a maioria das palavras tem significados múltiplos, o significado específico intencionado pelo autor só pode ser descoberto através do exame do contexto em que ele aparece. Por exemplo, a palavra “plástico” pode significar “maleável” ou substância sintética. Apesar de, hoje em dia, a expressão “brinquedo plástico” provavelmente significar um brinquedo feito com material sintético, ela poderia significar um brinquedo que pode ser moldado,

⁸ Para Costa e Camargo (2017, p. 90), “nessa perspectiva, precisamos de uma inscrição cultural, que pode ser entendida epistemologicamente, isto é, temos de nos aprofundar em determinada forma de vida que traz consigo expressões linguísticas para compreender e reconstruir o sentido de algo”.



como na sentença: “o brinquedo plástico se tornou um dragão nas mãos da criança” (Schmidt, 2014, p. 34).

Assim, esse primeiro modo, gramatical, de proceder a interpretação refere-se aos elementos linguísticos de uma expressão, das regras gramaticais, do significado das palavras e da conexão entre os termos frasais que formam uma unidade significativa. “Em última análise, a palavra precisa estar em comunicação com as demais ao seu redor, em todas as perspectivas possíveis. É de acordo com o contexto que as especificidades interpretativas são trazidas à luz” (Costa e Camargo, 2017, p. 91).

O outro modo interpretativo, o técnico-psicológico, é o mais próprio em Schleiermacher:

Um comportamento divinatório, um transferir-se para dentro da constituição completa do escritor, um conceber um “discurso interno” da feitura da obra, uma reformulação do ato criador. A compreensão é, pois, uma reprodução referida à produção original, um reconhecer do conhecido [...], uma reconstrução que parte do movimento vivo da concepção, da decisão germinal como ponto de organização da composição (Gadamer, 2014, p. 257-258).

Para Gadamer, essa formulação do compreender, psicológica, não pode ser entendida em referência a algum conteúdo objetivo dado em um discurso ou texto, mas em termos do que ele denomina configuração estética ou “pensamento artístico” presente nos mesmos. “No ‘pensamento artístico’ Schleiermacher vê momentos privilegiados da vida, nos quais se dá uma satisfação tão grande que eles irrompem e se exteriorizam, mas mesmo assim [...] continuam sendo um pensamento individual” (Gadamer, 2014, p. 258). Artístico, aqui, refere-se a um pensamento dado numa combinação livre, ou expressão que exterioriza uma individualidade.

Ora, uma das características de Schleiermacher é procurar em tudo esse momento da produção livre. Schleiermacher irá fazer essa mesma distinção no diálogo, de que se falava há pouco: ao lado do “verdadeiro diálogo”, que se busca um saber comum do sentido e que constitui a forma original da dialética, ele conhece o “diálogo livre”; ele atribui este diálogo livre ao pensamento artístico. Nesse os pensamentos “quase não são levados em consideração” pelo seu conteúdo. O diálogo não passa de uma estimulação recíproca da geração de pensamentos [...], uma espécie de construção artística na relação recíproca da comunicação (Gadamer, 2014, p. 259).

De acordo com Mazotti (2010), toda produção artística implica certa genialidade do seu autor, no que se refere às especificidades e ao que pode ser entendido como exclusivo no produto elaborado. Sendo assim, se um texto é considerado uma obra de arte, certamente não poderemos compreendê-lo sem levarmos em consideração as condições em que foi desenvolvido. Com isso, chega-se a um resultado que as hermenêuticas antigas, a exegética por exemplo, pareciam não considerar: “uma vez que



o autor desenvolveu sua obra de forma livre, é ele mesmo quem cria as regras e define os padrões. Somente ele explica a si mesmo, ainda que a filologia conseguisse alcançar algum sentido” (Mazotti, 2010, p. 23).

A partir desses pressupostos, faz sentido falar em hermenêutica universal, visto que se considerarmos cada obra ou diálogo como algo individual (ou arte), deveríamos ter diversos tipos de regras para a interpretação, “para a história, para a poesia e para os textos religiosos e consequentemente para a subvariantes dentro de cada uma destas classificações” (Palmer, 1999, p. 91). Contudo, no que diz respeito ao texto ou discurso há um conhecimento prévio, um *a priori*, visto que os homens não são estranhos uns aos outros, há entre eles familiaridades e semelhanças.

Isso somente é possível, pois apesar da estranheza do *tu* ser fundamental, também há dentre os homens uma carga de experiências comum que os aproxima e os torna aptos a compreenderem uns aos outros. A partir do momento em que possuímos um pouco do outro dentro de nós, somos capazes de utilizarmos processos comparativos para tentar adivinhar o que esse outro diz (Mazotti, 2010, p. 23).

Nesse contexto, Schleiermacher também é reconhecido pela premissa: “*Compreender um autor melhor do que ele próprio se comprehendeu*” (Gadamer, 2014, p. 263). Para ele, o intérprete deve entender uma obra ou discurso melhor do que o próprio autor, partindo do pressuposto que o ato da compreensão é uma reprodução distinta da produção original. Desse modo, o escritor expressa sua individualidade, e para entendê-la deve-se partir da ideia fundante que ele imprimiu no texto, isso, faz com que o intérprete se torne superior ao manuscrito, já que deverá acessar a individualidade de um autor para perfazer uma reconstrução do que teve contato anteriormente.

Para Schleiermacher, a compreensão enquanto arte é voltar de novo a experimentar os processos mentais do autor do texto. É o reverso da composição pois começa com a expressão já fixa e acabada e recua até à vida mental que a produziu. O orador ou autor construiu uma frase; o auditor penetra nas estruturas da frase e do pensamento (Palmer, 1999, p. 93).

Esse movimento interpretativo é um ir e vir ao longo de uma obra, em que se busca a compreensão das partes a partir do todo e vice-versa, uma vez que “nada do que se deve interpretar pode ser compreendido de uma só vez” (Gadamer, 2014, p. 263). Pode-se imaginar isso, a partir das dificuldades que enfrentamos quando entramos em contato com textos cuja linguagem não seja habitual. Seus significados e sentidos, muitas vezes, só serão possíveis a nós quando realizamos um trabalho que considera a integralidade do excerto a partir de suas partes constituintes, o que se dá por uma apreciação “circular”, no sentido de que voltamos ao texto várias vezes para entendê-lo. Esse vaivém não é um



esgotamento de significados, mas a busca pela clareza de um escrito à medida que ocorrem aprofundamentos. Em Schleiermacher, esse movimento é denominado de *círculo hermenêutico*.

4.1 O Círculo Hermenêutico como Espiral: implicações para a Educação

Podemos compreender o *círculo hermenêutico* como um movimento interpretativo que relaciona o todo de uma obra com as partes que a compõem e vice-versa. Para Batista (2012), esse círculo se dá à luz de uma compreensão que toma os trechos de um texto e os relaciona com sua totalidade. Assim, se conhece o texto (o todo), quando se conhece suas passagens (as partes). Com esse círculo, ocorrem idas e vindas a cada parte constituinte de uma obra, bem como a vida e as produções de um autor.

Palmer (1999), ao tratar desse conceito, afirma que a compreensão ocorre por meio das referências que estabelecemos quando nos voltamos a entender algo; ou seja, tudo o que compreendemos é comparado às coisas já conhecidas por nós. Certamente, que aquilo que entendemos está posto em unidades sistemáticas, as quais estão dispostas em uma espécie de circularidade. Ele nos dá um exemplo: “uma frase como um todo é uma unidade. Compreendemos o sentido de uma palavra individual quando a consideramos na sua referência à totalidade da frase; e reciprocamente, o sentido da frase como um todo está dependente do sentido das palavras individuais” (Palmer, 1999, p, 94). Todo esse movimento, só faz sentido se considerarmos que os conceitos de uma obra ou discurso estão inseridos em um dado contexto, no qual obtém significados. Esse contexto, reciprocamente, determina os elementos pertencentes a si.

Gadamer (2014, p. 261), argumenta que:

Em princípio compreender é sempre um mover-se nesse círculo, e é por isso que o constante retorno do todo às partes e vice-versa se torna essencial. A isso se acrescenta que esse círculo está sempre se ampliando, já que o conceito do todo é relativo e a integração em contextos cada vez maiores afeta sempre também a compreensão individual.

Contudo, o *círculo hermenêutico* pode estar imerso em duas contradições mais aparentes. A primeira delas, conforme Palmer (1999, p. 94), dispõe que: se temos que compreender a totalidade de uma obra previamente, não compreendemos nada, visto que iríamos desconsiderar suas partes. “E, no entanto, afirmamos que as partes tiram o seu sentido do todo. Por outro lado, não podemos certamente começar com um todo, não diferenciar em partes”. Diante disso, o autor afirma que o círculo não tem validade, pois compreendemos simultaneamente o todo e as partes de uma obra.



A segunda se refere a uma compreensão partilhada, entendida como articulação dialógica, na qual há entendimentos comuns entre um sujeito que fala e outro que ouve. Nisso, à medida que falamos, impreterivelmente, é necessário que já conheçamos o tema em discussão. Desse modo, Palmer (1999, p. 94), alerta-nos que “temos que previamente possuir, até certo ponto, um conhecimento do tema em causa. Isso pode ser designado como o conhecimento prévio, minimamente necessário à compreensão, sem o qual não podemos saltar para o círculo hermenêutico”.

Para nós, autores, fundamentados em Habowski, Jacobi e Conte (2018), é importante destacar que o movimento circular implícito no conceito de *círculo hermenêutico* pode incorrer em um terceiro problema: o risco de ser interpretado como um círculo vicioso, incapaz de promover avanços na interpretação. Assim, concordamos que, em vez de ser concebido como um simples movimento circular, esse processo deve assemelhar-se, metaforicamente, a um movimento em *espiral*, evidenciando a forma como o entendimento se constrói e se amplia continuamente por meio do diálogo e da interpretação. Essa perspectiva parte da noção de um movimento incessante entre o todo e as partes na busca de sentido, em que cada leitura revisita, ressignifica e amplia compreensões anteriores.

Partindo de nossos pressupostos e limites, deparamo-nos com um processo de espiral hermenêutico voltado à compreensão, ou como Gadamer denominou, com o círculo hermenêutico. Na interação, no diálogo e na abertura ao que o outro nos fala, em circunstâncias históricas momentâneas, estamos gerando sempre novas compreensões. No caso de um texto, ele cobra do leitor sempre novos posicionamentos, pois está aberto a alcançar novos horizontes a partir de quem o interpreta e não se restringe ao próprio autor da mensagem (Habowski; Jacobi; Conte, 2018, p. 278).

Os autores evidenciam que essa dinâmica interpretativa é inseparável da abertura à alteridade. É o diálogo com o diferente que rompe bloqueios, questiona certezas e possibilita a emergência de novos entendimentos, não havendo, por isso, neutralidade no processo interpretativo. Desse modo, a *espiral hermenêutica* revela o conhecimento como um processo vivo, fundamentado na revisitação constante do familiar à luz do novo, de modo que, como afirmam Habowski, Jacobi e Conte (2018, p. 279), “a comunicação com o diferente possibilita que o círculo (...) revele-se como inesgotável, já que a cada momento histórico as pré-compreensões são diferentes”.



Ainda segundo os autores supracitados, o *círculo hermenêutico* renova e atualiza nossa visão de mundo “na fusão de horizontes⁹ da própria autoexposição virtual e na interdependência em que percebemos as formas discursivas, buscando a compreensão crítica e ativa dos sujeitos sobre o conhecimento” (Habowski, Jacobi e Conte, 2018, p. 278). Assim, as formas discursivas se tornam espaços de interdependência, nos quais o encontro com a alteridade rompe estruturas alienantes, amplia a reflexividade e possibilita que o conhecimento seja constantemente reconstruído de forma coletiva. Nesse sentido, o *círculo hermenêutico* também fortalece a prática social do diálogo como horizonte para enfrentar os desafios contemporâneos.

Nós, pesquisadores em Educação Matemática, entendemos, com base em Conte e Martini (2019), que uma hermenêutica concebida dessa forma aponta para uma reconfiguração do modo como compreendemos a educação, o ensino, o conhecimento e a formação humana. Tal concepção propõe uma postura de diálogo e abertura à diferença, resgatando o sentido do ato educativo como um processo intersubjetivo, histórico e situado. Nesse contexto, a interpretação/compreensão deixa de ser reduzida a uma mera “aquisição” de conteúdos e passa a ser concebida como uma construção compartilhada de sentidos entre sujeitos situados no mundo da vida¹⁰.

Como afirmam Conte e Martini (2009, p. 4), “o desafio para a educação está em compreender que não podemos mais educar sobre estruturas rígidas de formação e reconhecer que não temos autoridade e controle sobre todas as questões”. Esse é um requisito que se articula com Husserl e sua filosofia fenomenológica, a qual visa descrever e compreender a essência dos fenômenos tal como se manifestam na experiência vivida, sem reduzi-los a explicações prévias.

Desde a perspectiva fenomenológica (...), o mundo se expressa como um conjunto de significações existenciais, que aparece à consciência (experiência subjetiva e ação fenomenal como a base do existir/ser/estar no mundo), no sentido de ir às coisas mesmas e descrevê-las em sua essencialidade. Assim, as novas significações que advém das coisas e da mundanidade da vida são apreendidas através da dimensão da consciência humana que é sócio-histórica e cultural, e se expressa na linguagem e na percepção do mundo (Conte e Martini, 2009, p. 4).

⁹ Conforme Santos (2025), o termo fusão de horizontes, desenvolvido por Gadamer (2014), refere-se à relação entre diferentes perspectivas, experiências e contextos culturais durante o processo de interpretação. Em teoria, todas as pessoas possuem seu “horizonte” de compreensão, formado por suas experiências de vida, cultura, conhecimento etc.

¹⁰ Mundo-Vida, traduzido da palavra alemã *Lebenswelt*, é entendido como a realidade constituída e produzida no movimento histórico cultural, que traz consigo o presente, o passado e o futuro em sua temporalidade. Não é um recipiente em que são colocadas as coisas e os seres mundanos, como conhecimento, teorias etc. É o solo histórico e cultural em que habitamos (Bicudo, 2020, p. 36).



Compreendemos, assim, que o *círculo hermenêutico* nos conduz a uma mudança de postura frente ao ato educativo, sobretudo quando reconhecemos a constituição e construção do conhecimento como um processo interpretativo e dialógico. No entanto, entendemos que tratar das implicações da hermenêutica na educação é um tema amplo e relevante, exigindo um aprofundamento que ultrapassa os objetivos deste trabalho.

Nosso foco esteve voltado para apresentar algumas compreensões sobre a hermenêutica universal de Schleiermacher, ainda que, à medida que avançamos em seu estudo, isso tenha implicado abordar questões relacionadas à formação humana e ao ato educativo, conforme discutido nesta seção. Assim, deixamos como sugestão para pesquisas futuras uma análise mais abrangente das implicações hermenêuticas em outras dimensões da prática pedagógica e em diferentes campos do saber.

5 Síntese Compreensiva e Possíveis Encaminhamentos

Para dar início a essa síntese comprensiva, retomamos a nossa interrogação de pesquisa: *O que é a hermenêutica universal de Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher?* Voltamos a ela com a intenção de entender o desenvolvimento de uma hermenêutica concebida como uma possibilidade de interpretar/compreender todo e qualquer tipo de texto, reconhecendo que essa problemática é originalmente abordada por Schleiermacher. No estudo da temática, presente nos escritos do hermeneuta, entende-se que esse pensador se voltou quase que a todo o tempo para questões de cunho religioso e da filosofia clássica, visto que estava inserido numa tradição que tomava para estudo a Bíblia e os textos gregos. Gadamer (2014, p. 270) expõe que um dos seus focos era “ensinar como se deve compreender discursos e a tradição escrita, porque o que importava à doutrina da fé era uma única tradição, a tradição bíblica”.

Como visto, Schleiermacher assumia dois modos de interpretação: a grammatical e a técnico-psicológica. Compreendemos que, a forma grammatical que ele emprega direciona-se à aferição das estruturas textuais, considerando palavras, frases e expressões presentes em um determinado texto. Já a técnico-psicológica se volta aos aspectos individuais de um autor; é entendida como uma reconstrução das ideias que são dadas em um texto ou discurso em estudo. Essa segunda forma de proceder a interpretação traz implicações para o ato da compreensão: ela seria um modo “divino” para acessar a individualidade de um autor, visto que isso recairia numa reconstrução do que foi produzido originalmente, e desse modo, o autor é entendido como superior às suas



próprias obras, já que para um intérprete entendê-las necessita se transportar para o seu lugar (do autor). Além disso, ela ocorre mediante um conhecimento *a priori*, aquilo que é dado previamente e que carrega semelhanças e familiaridades, “o homem não é radicalmente um estranho para o homem, porque fornece sinais de sua própria existência” (Ricoeur, 1990, p. 25).

Em meio a essas duas modalidades interpretativas insere-se o chamado *círculo hermenêutico*, o qual dispõe que a compreensão de um texto ou discurso deve seguir por um meio dialógico que relaciona a parte e o todo daquilo que está escrito ou sendo falado. Como visto em nosso estudo, esse conceito se mostrou contendo contradições em sua formulação, visto que ao tomar, ora as partes e ora o todo, não conseguiríamos realizar compreensões. Nós, enquanto pesquisadores, entendemos que essa circularidade promovida por esse movimento deveria assemelhar-se mais a uma *espiral* do que a um círculo, uma vez que faz mais sentido falar em “retomadas e aprofundamentos” em torno de um tema do que em “voltas”, o que recairia em uma ideia de círculo vicioso.

Na história da hermenêutica, essa concepção universal produzida por Schleiermacher tomou novos rumos a partir de Dilthey, filósofo, hermeneuta, psicólogo, historiador, sociólogo e pedagogo alemão. Dilthey dá continuidade aos trabalhos de seu antecessor e busca definir a compreensão como uma manifestação da experiência vivenciada (*Erlebnis*), além de empregar a hermenêutica universal como fundamento para o desenvolvimento das ciências do espírito (humanas). “Desse modo, estabeleceu-se uma inteligibilidade própria às ciências humanas, *compreensiva*, distinta daquela das ciências naturais, *explicativa*, quantitativa e indutiva” (Schleiermacher, 1999, p. 7-8).

A *compreensiva* se dá à medida que há percepção das significações das atividades concretas do homem em sua historicidade. A *explicativa* visa explicar um fenômeno do modo pelo qual é dado, mediante observações e quantificações; é objetiva, busca dizer exatamente o ocorrido e como isso se deu. Esse modelo, advindo da interpretação de textos, ao mesmo tempo que “estabelece a *apreensão do sentido* como essência do método das ciências humanas, delimita o alcance da metodologia das ciências naturais, questionando, acima de tudo, o próprio conceito de objetividade científica” (Schleiermacher, 1999, p. 8).

Nesse viés, o problema que Dilthey colocou em evidência era de caráter epistemológico: “dar as *Geisteswissenschaften* [ciências do espírito] uma validade comparável à das ciências da natureza, na época da filosofia positivista (Ricoeur, 1988, p. 7, inserção nossa). Também, é com esses pensadores, Schleiermacher e Dilthey, que o



problema hermenêutico se torna um problema filosófico, o que representa um enorme salto com as antigas formulações da hermenêutica, dando abertura para o que mais tarde veio a calhar com as investigações de Martin Heidegger, de Hans-Georg Gadamer e de Paul Ricoeur, que conceberam a teoria da interpretação como um existencial.

Diante disso, entendemos que o estudo sobre as concepções da hermenêutica, enquanto uma teoria da interpretação, pode suscitar muitos debates e aprofundamentos em torno do seu tema. Compreendemos, ao estudar Schleiermacher, que sua teoria fundamenta a de muitos estudiosos que vieram posteriormente a ele, fazendo-se necessário entender muitas delas à luz do que ele propôs. Assim, deixamos também como uma possível proposta investigativa tomar para estudo autores como Wilhelm Dilthey, Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur, entre outros que, ao longo do tempo, foram influenciados por esse autor.

Referências

- BATISTA, M. Hermenêutica filosófica e o debate Gadamer-Habermas. **Crítica e sociedade**, Uberlândia, v. 2, n. 1, jan./jun. p. 101-118, 2012.
- BICUDO, M. A. V. Pesquisa Qualitativa: significados e a razão que a sustenta. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 07-26, 2009.
- BICUDO, M. A. V. Pesquisa Fenomenológica em Educação: Possibilidades e desafios. **Revista Paradigma**, Caracas, v. 41, jun. p. 30-56, 2020.
- CONTE, E.; MARTINI, R. M. F. Fenomenologia e Hermenêutica: um desafio para a educação? **Veritas**, Porto Alegre, v. 64, n. 2, p. 1-28, 2019.
- COSTA, L. S.; CAMARGO, L. N. **Filosofia hermenêutica**. 2. ed. Curitiba: InterSaberes, 2017.
- GADAMER, H. G. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 14. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.
- GRONDIN, J. **Introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.
- HEIDEGGER, M. **Ontologia**: (hermenêutica da faticidade). 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.
- HABOWSKI, A. C.; JACOBI, D. F.; CONTE, E. Garimpando ideias para a reconstrução do Círculo Hermenêutico e do Círculo de Cultura. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 53, abr./jun. p. 1-17, 2018.
- MANCILLA, M. Ética dialética da interpretação: a hermenêutica romântica de Friedrich Schleiermacher. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 45, n. 3, jul./set. p. 179-200, 2022.
- MAZOTTI, M. **As escolas hermenêuticas e os métodos de interpretação da lei**. Barueri/SP: Minha Editora, 2010.



NEGRU, T. O debate entre Gadamer e Habermas e a Universalidade da Hermenêutica.
Redescrições, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 54-60, 2010.

PALMER, R. E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1999.

RICOEUR, P. **O Conflito das Interpretações**. Porto-Portugal: Rés-editora, 1988.

RICOUER, P. **Interpretação e Ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

SANTOS, J. G. Compreensões sobre a pesquisa Hermenêutico-Fenomenológica situada no âmbito da Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro, v. 39, [s.n.], p. 1-19, 2025.

SCHLEIERMACHER, F, D. E. **Hermenêutica**: arte e técnica da interpretação. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

SCHMIDT, L. K. **Hermenêutica**. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

Recebido em: 16 de maio de 2025.

Aceito em: 22 de agosto de 2025.